



O Processo de Alfabetização dos alunos do 6º Ano da Escola Municipal Jeanne Machado

Albanita Pereira de Souza Nascimento (1); André Luiz Barbosa Mendes (2); Leonardo Rocha (3)

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Portugal- albanitapereira@ymail.com Instituto Mendes de Ensino Superior-Imes Rio grande do Norte- mendesalb@yahoo.com Universidade Lusófona de humanidade e Tecnologias Portugal-leonardorochoa@kanguru.pt

RESUMO: Este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado concluída pela universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias de Portugal, tendo como resultado estudo de uma pesquisa de caráter observatório que procurou descobrir as causas e os porquês das dificuldades encontradas pelos professores do 6º ano, com relação ao processo de alfabetização dos alunos, em especial os da zona rural, do município de Touros R/N, que apresentavam defasagem de leitura e escrita, bem como na interpretação e produção textual. Os dados foram coletados através de questionários, de diálogo e observações por meio de visitas as famílias discentes, com os professores dos mesmos e os sujeitos em questão, Procurou-se fazer uma análise sobre os reais motivos que impedem a construção do conhecimento dos alunos e dificuldades registradas pelos professores que atuam nessa série/ano. Considerando, que a alfabetização é um processo fundamental na vida do sujeito, que da mesma depende sua formação profissional e participação nas questões sociais. Os resultados da pesquisa demonstra também fragilidade nas políticas educacionais oferecidas pelo governo que de nada incentiva a aprendizagem e sim assegura a permanência do aluno na escola e esta por sua vez trabalha em grande parte sem apoio da família que passa sua responsabilidade que seja do aprendizado, quer seja da educação de seus filhos para a instituição escolar. Dessa forma torna-se evidente a necessidade de mais implementações nas políticas públicas, que permitam a requalificação de escola bem como, o modelo de estratégias para atender a alfabetização de todos os sujeitos, envolvidos num olhar de uma escola multicultural.

Palavras Chaves: Dificuldades no Processo de Alfabetização. Leitura. Escrita. Interpretação.

Produção.

1.INTRODUÇÃO

A presença de crianças, adolescentes e jovens dentro da escola contemporânea, com dificuldades de leitura e escrita, interpretação e produção textual representa uma estatística desagradável para os professores, para os pais e para a própria escola, que tem criado, nas últimas décadas, meios que possibilitem a melhoria do ensino-aprendizagem, sinalizando para o foco principal, o processo de alfabetização, e ainda assim não tem conseguido superar esse entrave que muitas vezes chaga a assustar aqueles que estão diretamente convivendo com a questão em evidência.

Pretendeu-se com essa investigação, dar um suporte para os estudos na área das ciências da educação, tanto para os professores quanto para os alunos que apresentam déficits na aprendizagem da leitura e escrita. Este estudo é resultado de uma necessidade particular e profissional em descobrir as causas reais que impedem esse processo de acontecer, nas crianças, adolescentes e





jovens, visto que no Brasil tem se procurado investir na educação, de forma geral, englobando todos os segmentos e mesmo assim pouco tem sido os resultados positivos nesse sentido, de uma alfabetização completa para a formação do cidadão.

Não é de se estranhar que o envolvimento cada vez mais estreito nas atividades profissionais entre os docentes da instituição escolar, onde estou vinculada desde 2003, alertaram-me para a necessidade de contribuir um pouco mais para auxiliar no ponto crucial que se agrava a cada dia, deixando todos os profissionais da educação em constantes dúvidas sobre o que fazer para sair dessa situação de completo mal-estar que se gera dentro da escola e transborda para todos os segmentos da sociedade, que mesmo no século XXI ainda enfrenta tais problemas que não deveriam mais acontecer ou, pelo menos, não deveriam acontecer em grande escala social.

A partir desta investigação e tomando como base o referencial de Ferreiro (2007, p.53,54) particularmente em nosso país empobrecido, e especialmente nos setores mais pobres do país, os objetivos da alfabetização devem ser mais ambiciosos. No entanto, podemos constatar que a deficiência no aprendizado do processo de alfabetização dos educandos desta instituição é consequência da má organização das políticas públicas destinadas às classes populares mais carentes que sofrem com o descaso e falta de acompanhamento dentro e fora da escola. Daí partiu a necessidade de encontrar as causas reais ou as razões que levam o aluno a passar anos afins dentro da escola e mesmo assim não conseguir dominar o básico que se espera que ele aprenda, ou seja, desenvolver habilidades na leitura e na escrita, autores que abordam esse tema como: FREIRE (2006), FERREIRO (2007), SOARES (2005) dentre outros, bem como os professores que trabalham com a alfabetização e até mesmo aqueles que já deveriam trabalhar com os alunos alfabetizados sofrem com o problema, pensadores que nas últimas décadas, levaram esse assunto a tomar uma proporção intensa de modo que passou-se a se dar mais ênfase a respeito dos entraves existentes nas relações professor x aluno x instituição escolar. Apesar de tantos discursos e avanços tecnológicos, não se consegue mudar esse quadro de insatisfação e angústia de professores, bem como da escola que ainda sofre com insucesso dos alunos.

Deparamo-nos, portanto, com todo um contexto que impede o desenvolvimento dos alunos em desenvolver suas habilidades de ler e escrever para se tornarem seres com capacidades de atuar e exercer sua cidadania com respeito e dignidade. Por serem muitas as questões que influenciam na aprendizagem do sujeito e não só de um único fator, torna-se cada vez mais complicado encontrar uma solução que envolva a todos sem causar qual quer que seja o desconforto perante o meio social.



É, fora de dúvida que, independente do ambiente em que o indivíduo se encontra, ele adquire conhecimentos que lhe possibilitam interagir com o ambiente escolar, cabendo assim a escola tomar consciência de seu papel e trabalhar dentro das possibilidades que o aluno traz consigo. Para que, dessa forma favoreça as condições necessárias ao desenvolvimento das habilidades e atitudes, elementos primordiais ao despertar para o novo aprendizado. Sendo que a escola como instituição bem antiga, que no passado foi criada para atender a expectativas de um pequeno grupo pertencente à classe social elitista, mas que através de muitas lutas e movimentos abriu suas portas para o atendimento de todas as camadas sociais, deve primar por zelar pela construção do conhecimento de seu público bem como abrir espaço para novas reflexões que oportunizem de forma mais concreta e mais igual para todos.

É pertinente afirmar que temos, atualmente, dentro da escola, um problema de cunho social que não depende só da instituição, mas de todos que a compõem. E, sendo assim, o estudo procurou focar nas questões que mais afetam as dificuldades no processo de alfabetização que, pelo que pode-se observar, está em torno da distância que a família mantém da instituição escolar e esta, por sua vez, procura se aproximar sem muito sucesso e termina por amargar o fracasso.

A intenção desta pesquisa foi coletar, através de observação, fatos relevantes que possibilitem uma visão clara e ampla do problema de que se trata. Procurando interpretar e compreender a questão norteadora que motivou nossa curiosidade em executar essa pesquisa, a deficiência da alfabetização que leva os alunos a estarem no 6º ano sem dominar a leitura e a escrita e suas desmotivação para absorver esse processo que se estende por toda a vida, bem como observar a angústia vivenciada por aqueles que compõem a escola, que tem no seu objetivo formar cidadãos capazes de se destacar na sociedade.

2.DEFINIÇÃO E CONCEITUALIZAÇÃO

Quando a escola foi pensada, tinha outros objetivos, outro público. Hoje, mudou o público da escola, mas seus objetivos continuam os mesmo, arcaicos e fechados, sem pensar no que sua demanda precisa para obter sucesso ao ingressar, ou quando sair dela. CORTESÃO (2000). As concepções sobre a alfabetização são claras ao proporem que para ser alfabetizado é preciso ir além de ler e escrever, como cita FREIRE (1979), “aprender a ler e é antes de tudo aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da linguagem”.



Na verdade, o processo de alfabetização, ponto fundamental para a formação das crianças e jovens, sofre muitas influências das novas tendências pedagógicas de GADOTT,(1988), LIBÂNEO, (1990), TRAVAGLIA,(1998),FREIRE,(2007), dentre outros que estão sempre inovando seus métodos para provar que são capazes de superar o entrave da deficiência ligada a alfabetização. A escola por ser uma instituição de ensino onde é lugar de aprendizagem e ainda conserva valores oposto ao da “sociedade” que a frequenta como objetivo de mudar suas relações com o mundo para acompanhar as mudanças que ocorreram ao longo dos anos para tanto existe a necessidade de repensar os valores e objetivos da mesma. Como cita CORTESÃO, 2000, a escola foi criada para uma determinada classe social e por isso seu modelo era naquele momento adequado para aqueles que a frequentavam. Porém com a abertura da escola para todas as classes sociais houve a necessidade de também repensar seus objetivos e conceitos culturais, valores que possam abranger a todos da mesma forma.

Diante dessa realidade, autoras como SOARES,2005 e FERREIRO, 2007, que definem a alfabetização como algo que se estende por toda vida, não como algo acabado, mas como um processo que acompanha o sujeito em todas as épocas de sua história. Naturalmente que a alfabetização passa por várias etapas que o homem precisa seguir para tornar-se apto a exercer sua cidadania enquanto ser inacabado que é. Desse ponto de vista a educação é possível para o homem, porque este é inacabado. A educação portanto implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém(FREIRE,1979, p.27,28).

Definir a alfabetização é pensar em mudanças significativas na história que sempre almejou o desejo de transformar o homem em um ser capaz de buscar sua sobrevivência e da mesma forma escrever sua própria história e sua autonomia. Tem sido assim desde o começo da história da civilização, quando surgiram as primeiras formas de escrita que o homem vem buscando sempre melhorar e descobrir o prazer de criar suas próprias marcas para através delas marcar sua existência dentro do seu meio. Isso acontece por que sempre houve no homem a necessidade de se comunicar bem como se fazer entender pelo outro. Para LOPES e GALVÃO, (2005,p.16) a disposição para fazer história, ou para se ler o mundo como um dispositivo historiador, parte, antes de nada, de uma disposição radical para ler, ver, ouvir e contar o outro.

A história da escrita bem como da educação tem sua essência uma certa semelhança visto que estão interligadas por um desejo de crescimento do ser humano no decorrer do circulo da vida do



mesmo na sociedade. O desejo de alfabetização para aquelas classes sociais com menos poder de leitura e escrita torna-se um obstáculo muitas vezes não compreendido por aqueles que estão a frente dos interesses, fazendo cumprir currículos com objetivos que não estão em consonância com a realidade cultural do aluno advindo das camadas populares com menos poder aquisitivo e que possui pouco interesse ou incentivo de estar na escola.

2.1 HISTÓRICO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

É pertinente afirmar que, o processo de leitura e escrita nos encaminha para uma vastidão de conhecimentos importantes a cerca da história que remete desde o surgimento da escrita, com os povos primitivos e suas necessidades em desenvolverem essa prática que no decorrer dos tempos foi cada vez mais se moldando, passando a ser ponto fundamental na construção do saber para a formação da sociedade. No entanto o processo de alfabetização sofreu muitas mudanças com a influência dos paradigmas que surgiam acrescentavam algo com relação ao método e assim com todas as transformações chegaram ao século XXI ainda sendo o eixo central para o desenvolvimento de toda aprendizagem do sujeito. Mesmo assim ainda se encontra muitas dificuldades em alfabetizar crianças e, jovens que chegam as instituições escolares e permanecem por longos anos sem conseguir o básico, ou seja, ler e escrever. Mas essa leitura não se resume só a decodificar letras em sons mas interpretar a realidade a sua volta bem como do outro.

O desejo de interpretar os escritos para melhor entender o que esta a sua volta. Transformou-se em armas essenciais para a construção de uma sociedade mais digna e justa para aqueles que a compõe. Porém, alfabetizar-se requer muito mais do que ler e escrever, é preciso saber enxergar o mundo ao seu redor e procurar ser conhecedor dos seus direitos e obrigações, lutar por aquilo que considera seu ideal e muito mais além de ler livros e escrever cópias de textos. Portanto estar alfabetizado é compreender o mundo e os fatos, acontecimentos que estão presentes no dia a dia bem como aqueles que fizeram parte da história de outras civilizações. Como afirma FREIRE, (2002, p. 14) A alfabetização e a conscientização jamais se separam.

O Brasil, entra para a história da civilização ocidental, a partir de 1500 porém só em 1549 é que teve início o processo de alfabetização, com a chegada dos jesuítas no início da colonização portuguesa. Nesse contexto, a educação não era objetivo prioritário uma vez que a demanda existente não primava por uma formação especial. Pode-se afirmar que o Brasil passou e passa, até hoje, por profundas transformações relacionadas ao processo de alfabetização. É importante



destacar que durante esse período da história a educação brasileira estava voltada para a catequese uma vez que seus orientadores, eram padres e os alunos índios.

Com o fim da primeira guerra mundial, representantes da burguesia crescente exigem o acesso à educação. O operário, por sua vez, precisava ter um mínimo de escolaridade. Em 1924, fundou-se a Associação Brasileira de Educação- ABE trazendo à tona o pensamento liberal da escola pública que era representado pela escola nova. Entre diversos filósofos podemos destacar no Brasil Anísio Teixeira (1900-1971), o sociólogo Fernando de Azevedo (1894-1974), Lourenço Filho (1897-1970), que lutaram em favor da escola pública. Eles combatiam a escola elitista e acadêmica tradicional enquanto defendiam a laicidade e a educação. Mais adiante surgiu o movimento de educação popular em Recife, orquestrado por Paulo Freire.

As obras de Paulo Freire indicam que a pedagogia dominante baseia-se numa concepção bancária, na qual o professor detém o conhecimento e o fornece ao aluno como se estivesse preenchendo um recipiente vazio. Já a concepção problematizadora da educação, ao contrario, baseia-se na compreensão da consciência e do mundo. Vale ressaltar que o método Paulo Freire não deve ser reduzido a uma mera técnica de alfabetização e sua contribuição não pode ficar restrita à educação de adultos. Sua pedagogia é fundamentada na pretensão e superação da dicotomia entre teoria e prática, que permite a ampliação dos conceitos analisados dentro de uma amplitude maior, isto é na própria concepção de educação.

2.2 AS IMPLICAÇÕES DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Desde o início da colonização brasileira, em 1530 que começou uma luta para a implantação da alfabetização. Naquele momento o modelo que foi trazido pelos jesuítas parecia o ideal, mas com o passar dos tempos aquele modelo foi se tornando arcaico e também não atendia mais a classe dominante da colônia, que caminhava para se Desde o início da colonização brasileira, em 1530 que começou uma luta para a implantação da alfabetização. Naquele momento o modelo que foi trazido pelos jesuítas parecia o ideal, mas com o passar dos tempos aquele modelo foi se tornando arcaico e também não atendia mais a classe dominante da colônia, que caminhava para se tornar província e mais tarde estado.

Nessas perspectivas, surgem as tendências e com elas os modelos de aprendizagem. Uma tendência que marcou e até hoje ainda encontra-se presente e muitas vezes bastante forte nas



instituições escolares é a pedagogia tradicional, pois no contexto que surgiu demonstrou-se revolucionária, mas mesmo assim não conseguiu acompanhar as mudanças que ocorreram na sociedade relacionadas a educação, terminando por não atender os desejos da sociedade. Para contrapor a pedagogia tradicional surgiu a pedagogia renovada com o movimento da pedagogia não diretiva e pelos movimentos escola nova ou escola ativa, onde o eixo central está baseado na valorização do indivíduo como ser livre e social, sendo o professor apenas um facilitador da aprendizagem, procurando estimular a curiosidade da criança, para que a aprendizagem se torne mais prazerosa e eficaz.

Como indicam os parâmetros curriculares nacionais (1997), o que é valorizado nessa perspectiva não é o professor, mas a tecnologia; o professor passa a ser um mero especialista na aplicação de manuais e sua criatividade fica restrita aos limites possíveis e restritos da técnica utilizada. A função do aluno é reduzida a um indivíduo que reage aos estímulos de forma a corresponder as repostas esperadas pela escola, para ter êxito e avançar. Seus interesses e seu processo particular não são considerados e a atenção que recebe é para ajustar seu ritmo de aprendizagem ao programa que o professor deve implantar (BRASIL, Ministério da educação, 1997, p.1).

2.3 A ETNOGRAFIA DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

No contexto social as crianças das zonas rurais tem menos contato com a escrita do que as crianças da zona urbana e por isso apresentam mais dificuldades para se familiarizar com esse mundo da leitura e escrita. Por outro lado, as crianças da zona urbana começam muito cedo o contato com a leitura e a escrita. Para FERREIRO, (2001, P. 100), nem uma criança da zona urbana de 6 ou 7 anos de idade começa o primário com total ignorância da língua escrita. O aprendizado da escrita começa muito antes do ingresso da criança na escola.

No contexto atual a instituição escolar enfrenta um grande desafio que é formar bons leitores. Pois a cada ano saem da escola um grande número de indivíduos que muitas vezes não conseguem ler um texto abstraído o seu sentido geral uma vez que quem escreve, tem com a intenção de repassar informações para outras pessoas. Entre tantos só é possível absorver a leitura por inteiro quando o leitor tem conhecimento das convenções ortográficas e da mesma forma das características do tipo de texto que vai ler. É necessário o bom entrosamento do aluno com o mundo mágico da leitura e escrita, sendo importante que todos os indivíduos tenham essa compreensão,

para se formar leitores com capacidades de interpretar e produzir textos usando seus próprios pensamentos.

3.OPÇÕES METODOLÓGICAS GERAIS

Optamos, por uma abordagem qualitativa, normalmente os métodos qualitativos são usados quando o entendimento do contexto social é um elemento importante para a pesquisa numa vertente de observação, registro e análise, interação entre pessoas e ambientes. Para (GODOY,1995, p.21) hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um conhecido lugar entre as várias possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Privilegiamos esta opção por constituir uma abordagem de qualidade e orientação etnográfica, uma vez que pretendemos analisar a realidade concreta dos alunos de maneira que possamos compreendê-la e interpretá-la em suas particularidades.

Priorizar a compreensão e o desenvolvimento com relação a não aprendizagem, partindo da perspectiva dos sujeitos pesquisados. Que neste caso são os alunos do 6º ano A e 6º ano B com dificuldades no processo de alfabetização (D PA) procedendo-se à recolha dos dados em função de uma aproximação estreita e direta com os indivíduos, dentro do seu contexto social e cultural. Assim utilizamos visita a domicílios, a escola conversando com os pais para obter um melhor entendimento da situação utilizando questionários para aqueles que são alfabetizados, e o diálogo para outros.

4.RESULTADOS

Podemos dizer que os diferentes guias sugiram de um matiz comum nomeado quanto às dimensões referentes à formação profissional, defasagem na aprendizagem, inclusão e exclusão na sociedade e mudança de vida.

Quadro 2 - Dimensão dos guias de entrevista

DIMENSÕES	A	F	P	D	S
Percurso escolar	X	X			
Formação Profissional	X	X	X	X	X
Defasagem na Aprendizagem	X	X	X	X	X



Vida Familiar e Social dos Alunos	X	X			
Mudanças Sociais	X	X	X	X	X
Expectativa para a Vida Futura	X	X			
Situação da Escola Face ao Problema					X

Legenda: A= alunos F = família P= professores D= direção S= supervisão

5.DISCUSSÃO

O contato direto com as famílias e as entrevistas revelaram-se um instrumento precioso na compreensão dos dados obtidos, facilitando assim a análise do seu conteúdo. Através dos discursos dos sujeitos, a partir das perguntas que lhes foram dirigidas, assim mais do que explicações procuramos descobrir o sentido, e neste processo de descobertas, desconcertamos mais ou menos opiniões correntes, procurando entender o pensamento de cada sujeito como resultado de uma construção social.

Interessava-nos, em particular, procurar compreender a forma como os diversos sujeitos se relacionam com a escola, professores e a família a importância da mesma para sua vida. A princípio a leitura de dados permitiu de imediato constatar que os alunos em especial do 6º Ano B não valorizam a escola. Enquanto que o 6º Ano A por estarem na faixa etária adequada entre 10 e 12 anos, apresentam uma expectativa melhor com relação a escola. De modo significativo a totalidade dos alunos pesquisados revelam ter mais dificuldades na leitura e escrita atribuindo essa defasagem ao pouco tempo disponível para os estudos e não associam diretamente a falta de incentivo da família.

Deste modo, julgamos útil analisar o discurso dos alunos sobre si próprio constatamos que os alunos do 6º Ano A apesar da deficiência de leitura e escrita partilham do mesmo sentimento de aprender e futuramente exercer uma profissão como: policial, professor, advogado etc. Já os alunos do 6º Ano B onde a repetência é de 3 a 4 anos na mesma série ano e a evasão está presente em todos os alunos o discurso e o mesmo em torno do trabalho que os mesmos precisam fazer para ajudar as famílias e dessa forma falta tempo até para sonhar com um futuro melhor ligado a escola e seu aprendizado.



A síntese dos dados com as famílias demonstra que os mesmos se apropriam do discurso que estão sempre trabalhando para sobreviver, enquanto outros se valem do discurso que não sabem, ou seja, não são alfabetizados para não prestar atenção na aprendizagem e desenvolvimento dos filhos na escola, assim deixando para a mesma toda a responsabilidade com a educação dos filhos e esta sozinha não pode cumprir seu papel e também da família.

6.CONCLUSÃO

Diante das dificuldades das políticas implantadas pelos governos, os pais sentem-se na obrigação de manter os filhos matriculados, porém, isso não torna-se suficiente para uma educação de qualidade e sim de quantidade, pois falta uma assistência maior e políticas públicas voltadas para atingir o objetivo no sentido de amparar as famílias dos agricultores que encontram-se na zona rural e pouco tem para sobreviver, onde muitas vezes até a água torna-se difícil.

Nesse contexto, não se pode negar que a contribuição do governo para ajudar as famílias carentes a manter os filhos matriculados incentiva os alunos na escola, porém, observando o outro lado, não há garantias de educação de qualidade, na qual o sujeito sinta o desejo de aprender para torna-se conhecedor de seus direitos e deveres enquanto cidadão, uma vez que a pobreza e a falta de trabalho acabam com as expectativas de vida melhor. A leitura e escrita são ferramentas que superam a distância entre as pessoas, bem como colocam o cidadão com direito de igualdade entre a elite do conhecimento e elite do poder aquisitivo, trazendo a possibilidade de mudança para aquelas populações mais carentes e muitas vezes oprimidas de seus direitos frente às problemáticas sociais.

O acesso à educação como direito de todos para a construção da cidadania não deixa de estar diretamente ligado ao modelo de políticas educativas que o Estado deve oferecer para a população, em especial àquelas que dependem exclusivamente destas políticas. No entanto, tem sido o oposto, pois garantir aos alunos somente que estejam nas salas de aulas, não basta. É necessário pensar na resolução da questão principal: o aprendizado significativo e prazeroso para ambas as partes envolvidas do sistema de ensino.

Nesse caso, a escola tem como função maior desenvolver e zelar pelo bem estar do aluno e sua aprendizagem, porém, torna-se um depósito de alunos onde tudo é importante, menos ela própria. Essa desvalorização que a escola vem sofrendo nas últimas décadas faz com que cada vez mais prime pelo seu fracasso em não conseguir repassar o fundamental para seus educandos: a leitura e a escrita para a partir dessa leitura de textos abrir espaço para a leitura de mundo, onde os



desejos venham fluir junto à necessidade de melhoria e de mudanças progressivas na qual todos os membros participantes da escola sejam sujeitos ativos com os mesmos anseios de construir um mundo menos desigual para todos os cidadãos.

7.REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC,1997.

CORTESÃO, Luiza. Ser Professor um ofício em risco de extinção? Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI. Edições Afrontamento, Ltd./ Rua de Costa Cabral,859,4200-225 Porto.2000

FEREIRRO, Emilia. Com Todas as Letras. Tradução Maria Zilda da Cunha Lopes. 14.ed. São Paulo: Cortez. 2007.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. Tradução GONZALES, Horacio ET AL. V.4. 24. Ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra.2007

FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia: Saberes necessário à prática educativa/Paulo Freire.— São Paulo: Paz e Terra, 2006—(Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo 1979 pedagogia do Oprimido 17º edição Rio de Janeiro: Editora paz e terra.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2002

GADOTTI,M.; ROMÃO, J. Autonomia da escola: Princípios e propostas. JOÃO Malheiro; Projeto Político Pedagógico: Utopia ou Realidade? Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ. Rio de Janeiro, v. 13, n.46, p.79-14,Jan./mar.2005. Disponível em: <http://WWW.scielo.br/pdf/ensaio/v.13n46/> acesso em 14 de outubro de 2011.

GODOY,A.C. Pesquisa qualitativa tipos fundamentos revista administração de empresas n.3p.20-291995 scielobrasil.

LIBÂNIO,J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. Revista da Associação Nacional de Educação- ANDE, n. 3, 1983.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

LOPES Eliane Marta Teixeira História da educação/ Eliane Marta Teixeira Lopes, Ana Maria de Oliveira Galvão.- Rio de Janeiro: DP & A, 2005 . 2, Ed.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento/Magda Soares. 3. Ed. – São Paulo: Contexto,

TRAVAGLIA, L.C. Gramática e interação. São Paulo Cortez, 1998.



(83) 3322 – 3222

Contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br